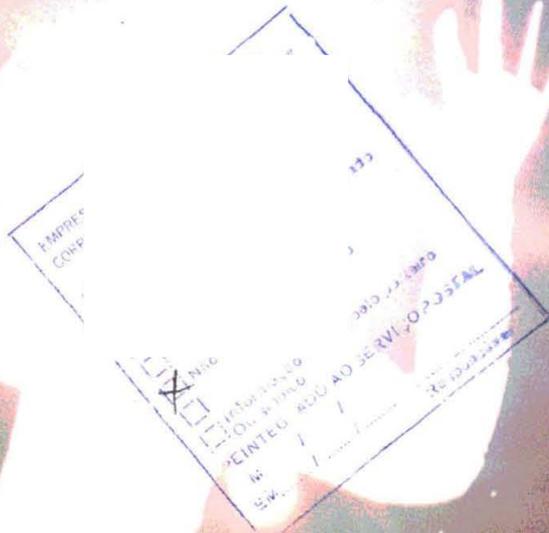


CONTRATO Nº 2810/97  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO



chegou a hora  
dessa gente  
**BRONQUEADA**  
mostrar  
seu valor.

**DF**  
**LETRAS**

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V

Nº 63/69

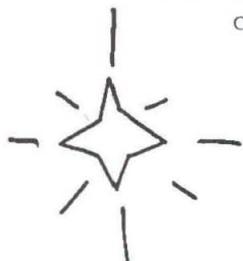
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

# O SOBREVIVENTE

□ MAURO CASTRO

A imensa onda de pó ocasionou o desastre com o ônibus repleto de passageiros. O motorista, em alta velocidade, ao fazer a curva na estrada carroceira, não percebeu a ruidosa boiada do outro lado. Desviou, rápido, caindo o veículo para o precipício.

Despencou, rolando a ribanceira, o furacão de ferro e fogo. Arrancou, durante a vertiginosa queda, cercas e árvores. Na descida, deixando o rastro lúgubre por onde passava. A marca, o estigma da morte. No vôo, soltava as peças para o ar. E



também o vento foi culpado. O vendaval que açoitava os campos e as montanhas, cuja intensidade aumentava e diminuía desordenadamente. Repugnante. Fraudulento. Destelhando as pobres casas e fazendo correr, sem destino, os animais inquietos. Ainda o vento, o furioso vento, levando para longe as últimas esperanças, os últimos anseios, as últimas ilusões dos pacatos e humildes lavradores da região.

Entre gemidos de dor o sangue brotava dos corpos dilacerados. Alguns, aprisionados nas engrenagens enferrujadas, como reclusos da vida. As inocentes vítimas empilhadas como bonecos em lojas de liquidação: pernas e braços contorcidos, mãos amassadas, enquanto o sangue tingia o verde da floresta.

Apenas o casal de velhos habitava a humilde choupana, ao lado do cenário do acidente. Eles viviam os seus dias gloriosos de ternura, de amor, solidificados pela amizade de uma união quase centenária. Corações complacentes, oxigenados pela vida campestre. Longe das amarguras urbanas, das metrópoles mentirosas, do tédio das multidões. Distantes das cidades egoístas. Afastados das praças e ruas convocadas pelo povo para os comícios das reivindicações...

Habitavam ali os velhos amigos velhos. Respiravam o ar puro das manhãs primaveris no seu recanto inocente, bucólico, abençoando o eterno casamento. Habitantes naturais de extensão de terra onde se situam pequenos povoados de vilegiatura. Moradores da sombra acolhedora de copadas árvores. A música que os acalentava para o sono diário vinha do murmurar do riacho próximo. O



despertar, na madrugada, ao som da marcha nupcial cantada pelos bandos coloridos dos pássaros cantores.

Alheios ao mundo exterior das competições, das injustiças sociais, do intercâmbio corrupto. Indiferentes à mentirosa extravagância da palavra dos homens. Divorciados do enganoso mundo da mentira. Virtuosity, sem dúvida, porque assimilaram a branca cor dos lírios e bugaris, o lirismo das flores. Somente dialogavam palavras de carinho mútuo, sussurrando cândidas mensagens mais-que-perfeitas, assim como os primeiros violinos nos concertos da grande orquestra. Perdeu o casal a noção do tempo. O tempo era a vida e a vida era o tempo. As faces enrugadas, o branco da cor da neve nos cabelos, o andar cauteloso dos que não têm mais pressa. Desimpedidos. Desembaraçados. O elo funcional com a natureza.

Foi, então, o acidente da queda do ônibus.

O barulho sinistro das engrenagens partidas. O vento sibilante que despertou o casal. Episódio inusitado naquelas paragens do fim do mundo, no lugarejo chamado Felicidade. Acordados, viram que estava tudo mudado no universo de suas vivências. Antes, o silêncio do silêncio. Agora, a negra noite foi acordada pelo despertar da morte.

Surgiu Gabriela, encolhida, tremendo. Segurava a lanterna como testemunha presencial.

O que você tem, Gabriela? Perguntou Gabriel, tropeçando no sujo balde ao lado da cama.

Foi quando, juntos, abriram a janela. Espreitaram o mundo triste do desastre, envoltos na miséria da dor. Uniram-se, de joelhos, começaram a rezar. Preces fervorosas, sinceras. Aprenderam e exercitaram quando moços, nas terras rurais. As únicas armas que possuíam. A não ser pelo velho cão que passava a noite em

vigília, porque tomava conta da casa, Gabriel e Gabriela se defendiam pela oração.

Súbito, o estrondo. Em seguida, as labaredas voluntariosas dominaram resolutas em volta da choupana. A noite escura iluminada pelas chamas. O vermelho do fogo contrastava com o preto manto da noite.

Em prantos, Gabriel e Gabriela invocaram a Deus.

O incêndio se alastrou. A destruição como cúmplice, com a voracidade dançarina das labaredas. Na forma incontida de chicotear o próprio ar, disputavam com o vento a competição destruidora. A fotografia do horror nas expressões melancólicas das duas testemunhas que habitavam o pedacinho do mundo paraíso dos pássaros cantores. O mundo radiante composto de manhãs e noites celestes na tranqüilidade solidária das pessoas felizes.

A noite foi andando para a madrugada. Perto, muito perto, os últimos acordes da sinistra orquestra noturna do quadro dantesco.

Apenas um sobrevivente!

Ele, com as vestes rasgadas, sujas, queimadas. Capengando e se arrastando pela ribanceira, amassando os jardins das rosas amarelas que circundam a choupana. O pobre molambo. Além das vestes, o coração rasgado. Os olhos lacrimejando o pavor. Em cada investida pelos íngremes caminhos o incessante pulsar da esperança.

Apenas um sobrevivente!

Ele não buscava a felicidade. Procurava a vida. Não fugia dos mortos. Fugia da morte. Triste, distribuía a dor. Agora, o entorpecimento. Agruras que alfinetavam. Ágia, atônito, inquieto. Derrotado pelo acidente, convocado para a morte.

Mas... ainda que trôpego e ofegante, procurava ganhar a insidiosa batalha. Testemunha ou vítima do hediondo, prisioneiro de situação deprimente. Exuberante,

pela vontade de salvar-se. Intrépido, apelo à vida. Esforçado, foi caminhando ao redor de pequenos lagos e nas nascentes de pequenos riachos. Atordoado, mal divisava algumas veredas cuja situação topográfica dificultava o caminhar.

O diagnóstico. Sim, o diagnóstico atestava que ele deveria procurar medidas mitigadoras. Ah! A infinita dor que o pungia. O meio físico? As encostas? Ele não tinha condições de fazer comparações ou observar diferenças. Condições básicas de sua precária existência recomendavam paciência, resignação. O exercício de colocar o desespero dentro de uma oficina pedagógica. Remover o desditoso mal que deseja demolir o apaixonado bem.

Então, pisando nas hortaliças e pequenas plantas frutíferas, atingiu a casinha. Atingiu o topo, com dificuldades. Bateu na porta. Bateu, respirando mal a escura fumaça da poluição que se alastrou.

- Por favor, abram a porta, estou pedindo socorro. E tornou a bater seguidas vezes.

- Por favor, abram a porta.

Foi quando Gabriel, ao atender o apelo, abriu a porta e o próprio coração. O rapaz entrou decadente, encardido, encarcerado dentro da sua alma incoerente. Agradecido. Pleno de pavor e de esperanças. Na penúria da sala divisou os dois velhinhos.

- Meu Deus! Disse Gabriel. É o nosso filho Ezequiel.

- É sim. Meu Deus! Disse Gabriela. O nosso filho querido desaparecido há vinte anos.

Abraçados, choravam os três. Choravam todas as lágrimas acumuladas nos decênios da dura separação. Das chamas da desgraça, surgiu a felicidade.

Crepúsculo matutino. A claridade precedia o romper do sol. O esplendor do encontro, durante a primeira luz da manhã.

Alvoreceu a união com a presença do ausente.